



RESSIGNIFICAÇÃO DAS MEMÓRIAS E DO LUGAR: AS ÁGUAS DO RIO PARAÍBA DO SUL DE ONTEM E HOJE.

Raphaella Custódia Cordeiro¹
Daniela Bogado Bastos de Oliveira²
Fagner das Neves de Oliveira³

77

RESUMO

O rio Paraíba do Sul, desempenha um papel fundamental na história e cultura do município de Campos dos Goytacazes/RJ. Suas águas testemunharam séculos de mudanças, moldando a memória e a paisagem da região. Desde os tempos coloniais, contribuiu para o desenvolvimento urbano, com a concepção da cidade, o fomento do transporte, agricultura e comércio. Apesar de sua relevância, ao longo dos anos, o rio perdeu parte de sua importância simbólica para os campistas. A partir do resultado do questionário referente à percepção ambiental, concluiu-se que a memória coletiva pode fortalecer os elos identitários da população com o rio; valorizar sua paisagem; estimular os espaços de convivência com suas orlas, bem como utilizar a educação e as mídias audiovisuais para resgatar a conexão da população com o rio. A paisagem urbana está intrinsecamente entrelaçada com o rio Paraíba do Sul, que pode ser ressignificado como um lugar de vivências, tanto numa perspectiva histórica quanto contemporaneamente. Por ser um lugar marcante, de memória e vivências, o rio Paraíba do Sul consolida-se como um elemento iconográfico para a cidade de Campos dos Goytacazes.

Palavras-chave: memória; rio Paraíba do Sul; Campos dos Goytacazes

RESIGNIFICATION OF THE MEMORIES AND THE PLACE: THE WATERS OF THE PARAÍBA DO SUL RIVER OF YESTERDAY AND TODAY.

ABSTRACT

¹ Graduada em Tecnologia em Design Gráfico pelo Instituto Federal Fluminense. Mestre em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias pelo Instituto Federal Fluminense.

² Doutora em Sociologia Política, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF. Professora de Direito do Instituto Federal Fluminense - IFF, docente no Doutorado Profissional em Modelagem e Tecnologia para Meio Ambiente aplicadas a Recursos Hídricos (AmbHidro) e no Mestrado Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias (PPGAU).

³ Doutor em Arquitetura no PROARQ/UFRJ. Professor do Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal Fluminense (CAU-IFF), do curso de Pós-graduação Lato Sensu em Cidades e suas Tecnologias e Pós-graduação Lato Sensu em Educação, Meio Ambiente e Sustentabilidade.



The Paraíba do Sul River plays a fundamental role in the history and culture of the municipality of Campos dos Goytacazes/RJ. Its waters have witnessed centuries of changes, shaping the memory and landscape of the region. Since colonial times, it has contributed to urban development, with the design of the city, the promotion of transport, agriculture and commerce. Despite its relevance, over the years, the river has lost part of its symbolic importance for the citizens. Based on the results of the questionnaire regarding environmental perception, it was concluded that collective memory can strengthen the population's identity links with the river; enhance your landscape; stimulate coexistence spaces with its shores, as well as using education and audiovisual media to restore the population's connection with the river. The urban landscape is intrinsically intertwined with the Paraíba do Sul river, which can be redefined as a place of experiences, both from a historical and contemporary perspective. As it is a remarkable place of memory and experiences, the Paraíba do Sul river is consolidated as an iconographic element for the city of Campos dos Goytacazes.

Keywords: *memory; Paraíba do Sul river; Campos dos Goytacazes*

1 Introdução

Muito antes de ser a morada eterna do lendário Ururau¹, o rio Paraíba do Sul desempenha um papel vital na história e cultura do município de Campos dos Goytacazes, localizado no Norte Fluminense. Suas águas têm testemunhado séculos de transformações, moldando a memória e a paisagem da região. Desde os tempos coloniais, o Paraíba do Sul serviu como via de transporte, viabilizando a chegada de colonizadores. Mumford (2009, p.68) afirma que os rios foram as primeiras autoestradas, já que possibilitavam a navegação e o escoamento da produção agrícola. O autor ainda argumenta que os cursos de água são de enorme importância para o desenvolvimento das cidades pelos seguintes fatores: acesso à água; transporte e comércio; alimentação e agricultura; defesa e segurança, bem como energia elétrica. Conforme destaca Faria e Quinto Júnior (2017, p.105):

Os rios ocuparam desse modo, um lugar fundamental no processo de dominação, pois além de servirem à navegação, eram fontes de vida e riqueza. Fornecem água potável e fertilizam o solo para cultivo de alimentos e de produtos comercializáveis. Em suma, podemos afirmar que os principais centros urbanos brasileiros têm uma forte relação, inclusive vital, com o elemento hídrico.

Além da questão que envolve a gênese e o progresso do urbano, Castro (2015) destaca que o rio é uma referência cultural para uma sociedade, porque influencia o modo de vida de sua população, tornando-se um marco na paisagem urbana. Logo, pode-se afirmar que um rio não é apenas uma corrente de água.



Como fio condutor da história, ele impulsiona cidades, desempenhando um papel simbólico na formação da identidade e da cultura de determinada região. As lendas, histórias e mitos que cercam suas águas permeiam a memória coletiva e enriquecem a narrativa local. Dessa forma, um rio não é apenas um marco geográfico, ele também se torna um elemento icônico nas artes, inspirando pinturas e fotografias, músicas e poesias que contemplam sua importância.

Figura 1 – Rio Paraíba no Século XIX



Fonte: João Pimentel (2012)

Figura 2 – Rio Paraíba e o cais da Lapa com alguns barcos



Fonte: João Pimentel (2011)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2023), o rio Paraíba do Sul nasce na Serra da Bocaina, a partir da confluência dos rios Paraibuna e Paraitinga, ambos no Estado de São Paulo. Seu curso percorre ainda o Estado de Minas Gerais até desaguar em sua foz que está localizada São João da Barra (RJ). Segundo o Dicionário Etimológico, o nome do rio se forma de suas palavras do tupi: *pará* (rio) + *ayba* (ruim), significando navegação ruim.

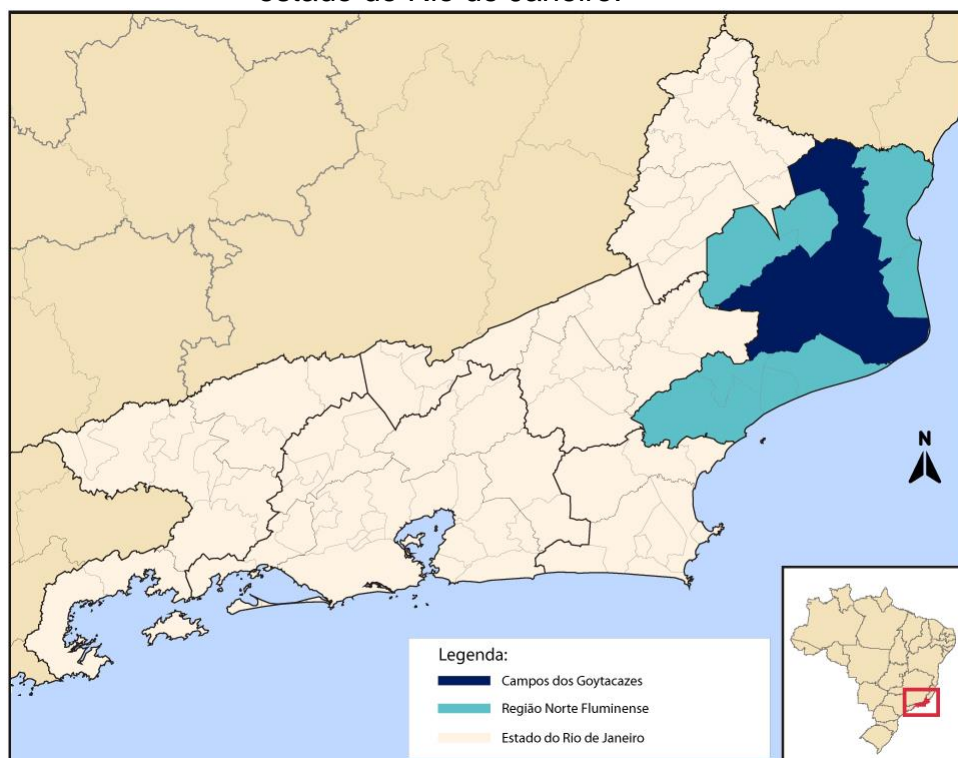
Contudo, foi por meio da navegação que os colonizadores chegaram à região no século XVII. A vila de São Salvador foi fundada às margens do rio Paraíba do



Sul. No século XIX, em 1835, a vila foi elevada à categoria de cidade. Como descrito por Prata (2018), Campos dos Goytacazes foi estabelecida radialmente a partir de dois pontos localizados na Zona de Comércio do Centro Histórico (ZCH): o rio Paraíba do Sul e a praça principal, denominada Praça São Salvador. A cidade nunca perdeu a ligação inicial com o rio Paraíba do Sul, pois foi diante dele que estavam localizadas as construções mais antigas, as mesmas que foram implantadas no período colonial brasileiro, como a Igreja Matriz, a Prefeitura e a Casa de Câmara e Cadeia.

Além da navegação, a importância econômica do rio impulsionou o comércio local, mas não se limitou a ele. Suas margens foram fundamentais para o desenvolvimento agrícola e a produção de cana-de-açúcar e outros cultivos que sustentaram a economia local ao longo dos anos, tornando o município um expoente para a região norte do estado do Rio de Janeiro (Figura3).

Figura 3 – Localização do município de Campos dos Goytacazes, Região Norte e o estado do Rio de Janeiro.



Fonte: Pexels (2023), editado pelos autores.

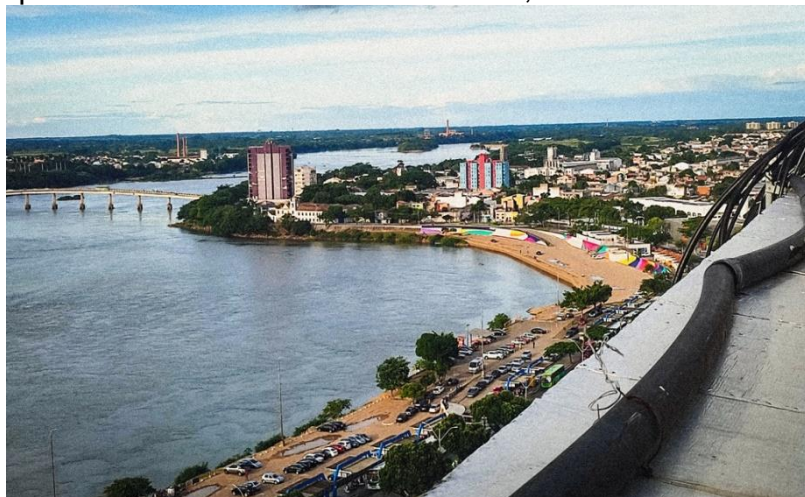
A cultura agrícola, principalmente da indústria açucareira marcou a identidade de Campos dos Goytacazes, refletindo-se na paisagem com as torres em tijolos das antigas usinas de açúcar, que mantem-se erguidas sobrepujando a ação do tempo,



como apresentado a Figura 4. E há, ainda, a manutenção de tradições como os clubes de remo, festas e saberes passados que continuam sendo passados de geração em geração.

Na cidade de Campos dos Goytacazes, o rio Paraíba do Sul teve um papel fundamental em seu desenvolvimento socioeconômico, a partir de seu uso como eixo navegável, para o transporte de mercadorias e pessoas. Também foi utilizado para competições de natação e de remo. A sua orla foi um dos espaços mais bonitos da cidade, com áreas destinadas ao passeio público e a contemplação da vida. (Castro, 2015, p.20)

Figura 4 – Rio Paraíba do Sul: vista parcial do cais da Lapa. À esquerda a Curva da Lapa, a ponte Saturnino de Brito e ao fundo, a torre da Usina São João.

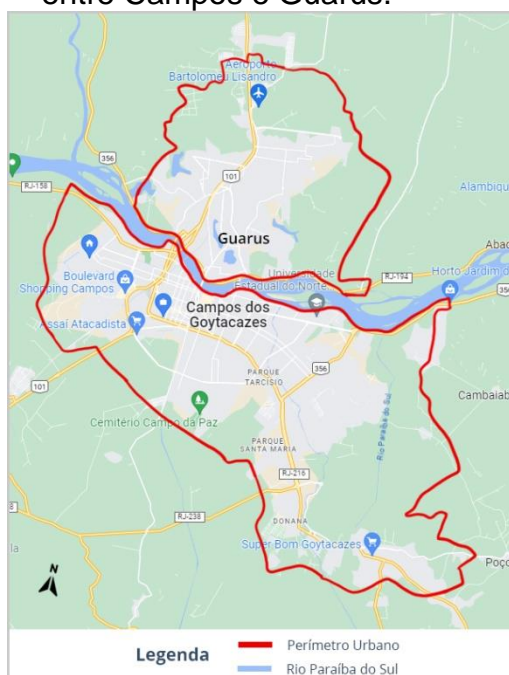


Fonte: Raphaella Cordeiro, 2023.

Ao longo dos anos o município cresceu e, apesar do declínio da indústria agroaçucareira, a modernização da cidade continuou. A construção das estradas de ferro, a chegada dos automóveis e o processo de industrialização modificaram a dinâmica da cidade, e conseqüentemente, a sua paisagem e a relação do campista com a sua cidade.

Godoy (2021) argumenta que o processo de urbanização higienista do começo do século XX foi financiado por uma elite detentora de terras e influência na cidade, o que acarretou numa reconfiguração da paisagem urbana e uma nova função para o rio: uma linha que divide o distrito sede e Guarus, como está demonstrada na Figura 5:

Figura 5 – Demarcação do perímetro urbano de Campos, apontando a divisão entre Campos e Guarus.



Fonte: Google Maps (2023), editado pelos autores.

Em consonância com isso, Lefebvre (2001) enfatiza que o espaço urbano é moldado pelas relações de classe, pela produção capitalista e pela luta pelo controle do espaço. Os diferentes grupos sociais influenciam e transformam o espaço através de práticas cotidianas, conflitos e negociações. Logo, não apenas os desafios como poluição e inundações impactaram o rio Paraíba do Sul. Uma série de eventos moldou a relação da população campista e a forma como ela passou a interagir com o rio. A realidade atual que acomete o rio reduz sua importância, conforme comenta Castro (2015, p.20):

No entanto, hoje se percebe um descaso à sua presença, muitas vezes visto apenas como um limite entre bairros ou entre os bairros do Centro e de Guarus. O rio é considerado por muitos como um entrave ao deslocamento ou como ameaça à população pelas inundações que provoca nos períodos de cheias.



Dessa forma, a proposta neste artigo é trazer uma reflexão sobre o Rio Paraíba do Sul como um elemento iconográfico de significativa importância para o município de Campos dos Goytacazes, bem como avaliar a relação das pessoas com o rio e identificar se propostas de uso de trabalho da imagem do rio são positivas. A abordagem vai além de considerar o rio meramente como um marco geográfico; busca, também, ponderar sua ligação com a memória coletiva e a identidade cultural campista. Ao explorar o papel do rio como um condutor histórico, torna-se possível vislumbrar como suas águas não só fizeram parte do cenário físico da cidade, mas também dos modos de vida local.

Ao longo dos séculos, o Rio Paraíba do Sul tem sido testemunha e agente das transformações que o município de Campos sofreu em séculos de história: desde as interações das comunidades indígenas com suas margens, as lagoas e os brejos, até o estabelecimento das primeiras atividades coloniais que se desdobraram na formação da cidade com um processo de urbanização que atravessou várias fases de desenvolvimento. Contudo, a importância do rio vai além de suas contribuições palpáveis. O rio Paraíba do Sul pode assumir uma dimensão simbólica, estreitando a sua ligação com a memória e a identidade cultural da população. Algumas histórias transmitidas por gerações celebram a relação entre o campista e o rio, e tudo isso pode contribuir para construir uma conexão emocional profunda. Portanto, ao explorar as conexões entre rio, população e cidade, almeja-se uma ressignificação do papel do rio como um componente importante para a memória coletiva campista.

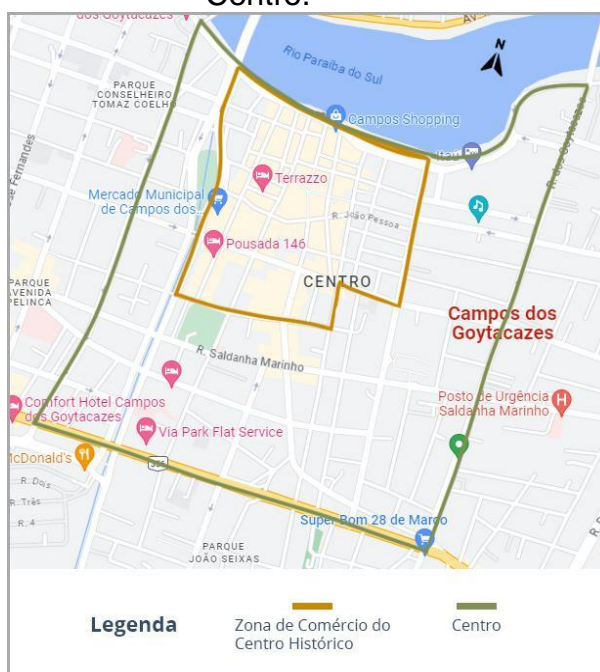
2 A MEMÓRIA CAMPISTA NAS ÁGUAS DO PARAÍBA DO SUL

Toda opulência e importância política e econômica do município de Campos dos Goytacazes tiveram seu auge nos séculos XIX e início do século XX, deixando uma herança de casarões e edifícios históricos, conforme é descrito por Freire (2019). A maior concentração dessas construções está na área central, que foi denominada, a partir do Plano Diretor de 2008, como Zona de Comércio do Centro Histórico ou ZCH. A Figura 6 apresenta a atual área da ZCH conforme o Plano Diretor de 2020, instituído pela Lei Complementar Municipal nº 015/2020.



Campos dos Goytacazes é a maior cidade do estado fora da região metropolitana e a sua origem remonta ao século XVII. Se consolidou a partir de um centro dinâmico nos processos de modernização do espaço urbano, que lhe renderam, em termos arquitetônicos, grande expressividade de diversos momentos da urbanização brasileira, notada desde seu traçado colonial moldado por vielas e largos, a exemplares religiosos de arquitetura barroca e vestígios de instalações portuárias, passando por palacetes e solares da virada do século XIX, sobrados ecléticos, prédios com características do Art Déco e, inclusive, modernistas (Freire, 2019, p.14).

Figura 6 – Zona de Comércio do Centro Histórico em sobreposição à área do Centro.

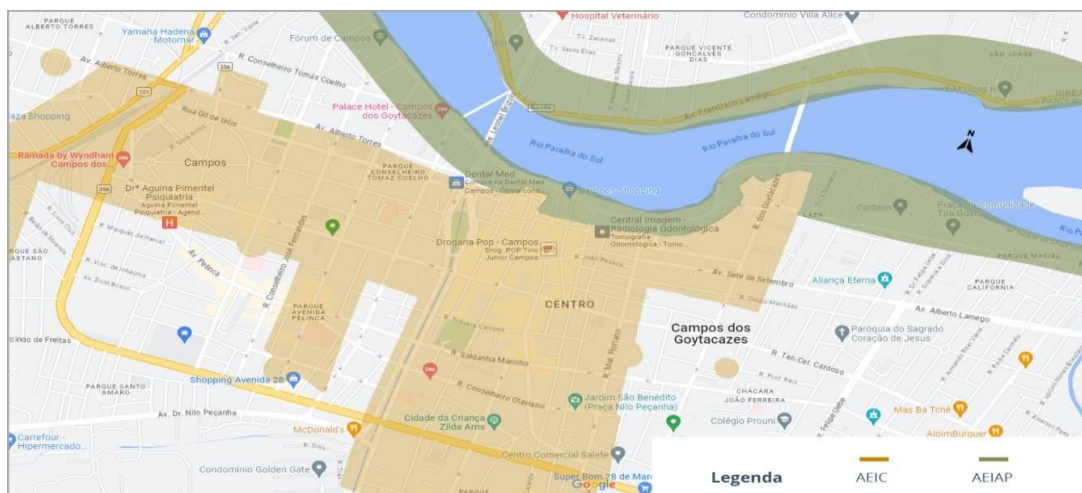


Fonte: Google Maps (2023), editado pelos autores.

Com base nesta imagem e no Plano Diretor de 2020, nota-se que a ZCH, toda margeada pelo Rio Paraíba do Sul, está incluída na Área de Especial Interesse Cultural, sendo as margens do rio configuradas como Área de Especial Interesse Ambiental e Valorização Paisagística (AEIAP), como se apresenta na Figura 7.

Figura 7 – Demarcação das Áreas de Especial Interesse Cultural (AEIC) e Área de Especial Interesse Ambiental e Valorização Paisagística.

Boletim Petróleo, Royalties & Região



Fonte: Google Maps (2023), editado pelos autores.

Essa relação estreita torna o rio parte do Centro Histórico e uma das mais importantes paisagens do município. Para Souza (2013), a paisagem não é apenas uma composição visual de elementos naturais e humanos, mas uma composição que também é carregada de significados, emoções e representações. O geógrafo ressalta ainda, que a paisagem é construída tanto pela natureza quanto pelas sociedades humanas que a habitam, e que ela reflete a interação entre as atividades humanas e o ambiente natural.

O município de Campos dos Goytacazes surgiu e transformou-se por causa do rio. Segundo Lamego (1945), foram as condições geológicas únicas da Planície Goitacá que permitiram a consolidação de uma sociedade. As “grandes águas”, como o autor nomeia o rio em sua obra, foi um ponto chave para a cidade e certamente para a vivência da paisagem, porque o seu desenvolvimento ou até mesmo a sua constituição seriam completamente distintos sem o suporte geobiofísico da Planície Goitacá.

Os portos de Campos, fundamentais para as atividades comerciais e de mercado, eram também um meio de comunicação com o mundo. A cidade crescia ao longo dos portos, para onde as ruas mais importantes convergiam, onde a praça principal com sua igreja matriz situada de frente para o rio Paraíba do Sul se abria para a planície na outra margem. Em torno das atividades exportação e importação se instalavam outros serviços de apoio como os trapiches, de guindastes, os serviços de transportes de mercadorias em carroças puxadas por animais, transporte fluvial em pranchas para as mercadorias e em canoas para a travessia do rio. (Faria e Quinto Júnior, 2017, p.111).



O comércio era, então, favorecido: nos jornais locais, aumentaram os anúncios de chegada de novas mercadorias assim como o número de lojas de artigos importados. Todo esse movimento de entrada e saída de mercadorias fez com que a Rua Beira Rio (após a proclamação da República, em 1889, passou a ser nomeada Avenida XV de Novembro) se transformasse no lugar mais animado da cidade. Aliás, ela era a principal via da cidade de modo que não era surpreendente ver projetos de urbanização visando embelezá-la e alargá-la para permitir uma circulação mais fácil. (Faria e Quinto Júnior, 2017, p.110).

Indubitável a relevância que o rio Paraíba do Sul tem como elemento transformador e o seu papel na paisagem. Esse rio é tão importante para a região, que a sua foz é tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC, desde 1987ⁱⁱ. Mesmo assim, faz-se necessário que a população volte seu olhar para suas águas. Castro (2015) argumenta que, após mudanças significativas nas avenidas da margem direita, induziu-se a população a ficar de costas para o Paraíba do Sul, como está demonstrado na Figura 8. Esse movimento simbólico de dar as costas para o rio, juntamente com ausência de políticas públicas de preservação, podem ser considerados um dos meios que fragilizou a relação da população com esse bem natural. Tanto Castro (2015) quanto Faria e Quinto Junior (2017) afirmam que o rio foi negligenciado, sendo alvo de descaso e poluição. Por fim, Castro (2015, p.109) reitera que “uma comparação dos usos do passado com os atuais indica que o centro da cidade, que vivenciou uma relação de prazer com o curso d’água e com a sua população, não é mais o mesmo”.

Figura 8 – Terminal Urbano.



Fonte: Raphaella Cordeiro, 2023.

Contudo, a resignificação da imagem simbólica do rio para a população campista pode ser realizada por meio da evocação da memória. Segundo Pollak (1992), a memória é constituinte do sentimento de identidade tanto individual quanto coletiva, e esse sentimento identitário gerando continuidade e coerência são importantes para a reconstrução do indivíduo. Já para Nora (1993), a memória coletiva se refere à forma como uma comunidade mantém e preserva sua conexão com o passado, construindo uma narrativa compartilhada que se liga ao presente. No entanto, ele argumenta que a memória e a história são ambíguas. A memória é viva e está em permanente evolução e é aberta ao diálogo, já a história é fragmentada e abarca a reconstrução do que já não existe mais. O autor ainda acrescenta que a memória é afetiva e mágica, demonstrando que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”, enquanto a história “se liga nas continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas”. (Nora, 1993, p.9)

Logo, o resgate da memória não irá reconstruir o que passou, entretanto, reconhecer essa sua evocação auxilia na construção de uma memória coletiva que é essencial para uma sociedade participativa, democrática e com consciência histórica, gerando contribuições para o fortalecimento da cultura local.



Norberg-Schulz (2006, p.445) argumenta que lugar é o espaço com atos e acontecimentos. E os acontecimentos estão intrinsecamente ligados à uma localização. “Em geral, um lugar é dado como esse caráter peculiar ou "atmosfera". Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo ‘total’, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta”. O autor também apresenta o "caráter" como um conceito à compreensão das qualidades particulares de um lugar e que essas características presentes em um determinado espaço formam uma atmosfera do lugar. De acordo com Souza (2013), o lugar é um espaço vivido. A projeção do afeto assim como a vivência cotidiana e a relação íntima de uma pessoa com um espaço o torna um lugar.

Para aprofundar sobre a percepção da relação das pessoas com o rio, foi aplicado, de forma não probabilística, um questionário pelo Google Forms, que ficou disponível no *link*: forms.gle/CEEJxTwTK557Eg9C8 entre os dias 12/12/2023 e 08/02/2024. O questionário contou com sete perguntas, sendo seis objetivas e uma questão discursiva não obrigatória. O formulário foi distribuído para o público acadêmico composto por alunos do Mestrado Profissional em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias e do curso superior em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias, bem como servidores do Instituto Federal Fluminense *Campus* Campos Centro. O grupo, em sua maioria de pessoas, tem como base de conhecimento a Arquitetura e Urbanismo, formação que se aprofunda nos conceitos sobre a cidade, a paisagem e as relações sociais como forma de compreender o espaço, logo não quer dizer que esse grupo fala por toda a população campista, contudo, ele tem uma compreensão mais profunda sobre os aspectos da cidade.

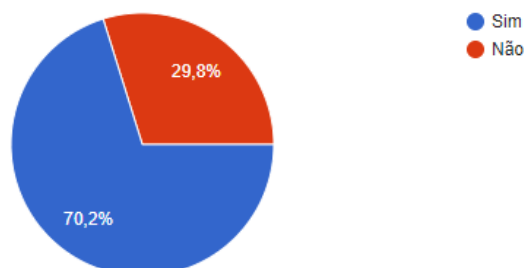
Dentre os participantes, mais da metade desse grupo é natural do município, conforme é apresentado no gráfico da Figura 9, o que leva à conclusão de que estes participantes possuem uma relação de vivência mais estreita com a cidade. Na figura 10, são apresentados resultados positivos, como o reconhecimento do Rio Paraíba do Sul como identidade cultural do município.

Figura 9 – Resultado em gráfico sobre o reconhecimento do rio como parte da identidade e cultura local



Você é natural do Município de Campos dos Goytacazes?

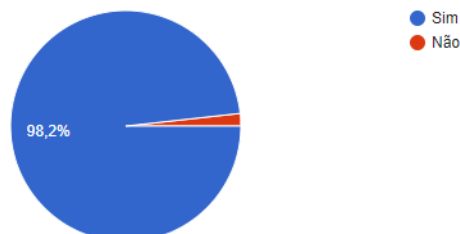
57 respostas



Fonte: Google Forms (2024), editado pelos autores

Figura 10 – Resultado em gráfico sobre o reconhecimento do rio como parte da identidade e cultura local

Você acha que o Rio Paraíba do Sul faz parte da identidade e da cultura local?



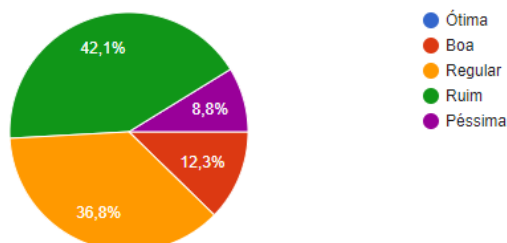
Fonte: Google Forms (2024), editado pelos autores

Contudo, ao serem perguntados sobre como eles consideram a relação da população campista com o Rio Paraíba do Sul. A Figura 11 expõe o resultado que mostra que uma grande maioria avalia a conexão população x rio como ruim e regular o que ratifica o trabalho elaborado por Castro (2015), que comenta sobre o descaso e a ofuscação do rio.

Figura 11 – Resultado em gráfico sobre a avaliação da relação da população com o rio



Como você avalia a relação da população campista com o Rio Paraíba do Sul?



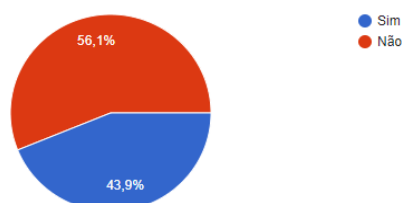
Fonte: Google Forms (2024), editado pelos autores.

Além disso, mesmo com a atmosfera que o rio confere ao município e sua imagem imponente que é vista ao passar pelo centro da cidade, a maior parte das pessoas que respondeu o questionário não possui uma memória especificamente afetiva sobre o rio, conforme a Figura 12. Contudo, 43,9% dos participantes que responderam que possuem algum tipo de memória relacionada ao rio, compartilharam histórias, como caminhadas pela orla; a pescaria; o contemplar do correr das águas durante a espera pelo ônibus no terminal urbano; a lenda do Ururau. Essas histórias têm como ponto em comum a lembrança do rio e a ligação com algum ente querido, como os pais ou avós que contavam histórias ou que apresentaram o rio para o participante.

A partir dos resultados dos relatos compartilhados pelos participantes da pesquisa, foi gerada uma nuvem de palavras expressa na Figura 13, que evidencia os aspectos positivos e negativos do Rio Paraíba do Sul de acordo com a percepção dessas pessoas.

Figura 12 – Resultado em gráfico sobre a avaliação da relação da população com o rio

Você tem alguma memória afetiva com o Rio Paraíba do Sul na cidade de Campos dos Goytacazes?



Fonte: Google Forms (2024), editado pelos autores.



Figura 15 – Alunos do Projeto Rema Campos.



Fonte: Jean Barreto, 2020.

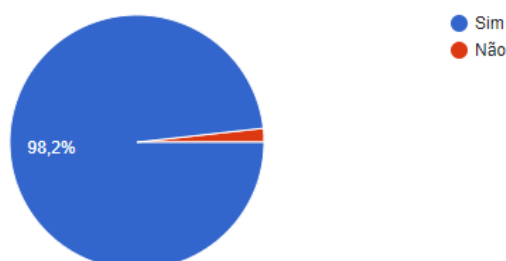
Os passeios públicos com a beleza de outros tempos não mais existem, mas há quem ainda faça caminhadas pela orla fluvial. De todo modo, o fato é que as memórias antigas podem ser costuradas e entrelaçadas com as novas memórias, e estas podem ser formadas a partir das novas vivências e experiências à beira do rio. Unindo tudo isso à brisa, às cores, aos sons e aos elementos que compõem esse quadro paisagístico, tem-se um lugar. O caráter do lugar vai sendo estruturado, tornando-o único no mundo.

A relação da população com o rio pode ser estreitada, aliando esse processo de ressignificação e consolidação do lugar ao uso da tecnologia. As redes sociais são uma mídia com potencial de construção de novas memórias na contemporaneidade. A criação de eventos em redes sociais que incentivem o público a interagir com as imagens das paisagens – imagens em fotos ou vídeos –, e com conteúdos apresentados em textos informativos e educativos sobre o lugar, é uma maneira de publicizar esse material e ainda ter um grande alcance e engajamento, já que grande parte das pessoas possui um aparelho celular com acesso à internet. Com essa proposta, foi questionado ao grupo sobre a utilização de imagens e mídias digitais para ressignificar a relação das pessoas com o rio. O resultado dessa questão foi bastante positivo, mostrando que a imagem pode ser uma ferramenta de ressignificação, conforme o gráfico da Figura 16.



Figura 16 – Resultado em gráfico sobre a questão do uso de imagens por meio de mídias digitais e redes sociais para ressignificar a relação das pessoas com o rio.

Você considera que o uso de imagens por meio de mídias digitais e redes sociais podem ajudar a ressignificar a representação do rio e estreitar a relação da população campista com o mesmo?



Fonte: Google Forms (2024), editado pelos autores.

As mídias audiovisuais possuem potenciais para serem grandes incentivadores dessa reapropriação do espaço, já que somos seres com maior apelo ao que é visual.

A vista é o instrumento mais apto para a investigação e por isso é o sentido que maior prazer nos causa, pois, por natureza, desejamos conhecer. A aptidão da vista para o discernimento – é o que nos faz descobrir mais diferenças – a coloca como o primeiro sentido de que nos valem para o conhecimento e como o mais poderoso porque alcança as coisas celestes e terrestres, distingue movimentos, ações e figuras das coisas, e o faz com maior rapidez do que qualquer dos outros sentidos. É ela que imprime mais fortemente na imaginação e na memória as coisas percebidas, permitindo evocá-las com maior fidelidade e facilidade. (Chauí, 1988, p. 38)

Mesmo não estando presente no lugar, ao ver um vídeo ou uma foto, nos transportamos para aquele espaço. Pollak (1992, p.201) fala que a memória pode ser transmitida por meio do imaginário:

Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

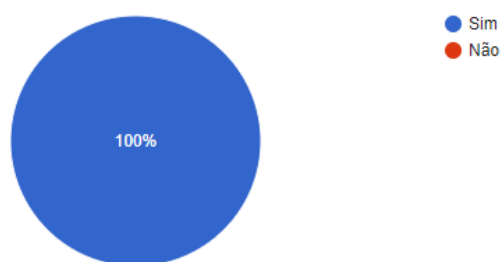
Além das ações supracitadas, programas educacionais que misturam a teoria com experiências práticas às margens do rio podem transmitir o valor cultural e



ecológico de maneira significativa. Narrativas digitais, realidade aumentada e aplicativos interativos podem transformar o rio em um espaço educativo e envolvente, unindo a herança histórica com as perspectivas contemporâneas. Diante dessas propostas, a Figura 17 apresenta unanimidade no resultado, que reforça o uso da tecnologia para fortalecer o elo entre as pessoas e o rio.

Figura 17 – Resultado em gráfico sobre a questão do uso de imagens por meio de eventos e programas educacionais para ressignificar a relação das pessoas com o rio.

Você considera que eventos no Cais da Lapa e programas educacionais podem ajudar a ressignificar a representação do rio e estreitar a relação da população campista com o mesmo?



Fonte: Google Forms (2024), editado pelos autores.

São esses diálogos entre a imagem, a memória e o espaço que o tornam um lugar de memória. Nora (1993) afirma que a memória precisa ser ancorada, e que os lugares de memória nascem a partir da criação de ‘arquivos’ por meio das vivências de um determinado espaço como celebrações e datas comemorativas. Dessa forma, pode-se afirmar que a imagem é uma forma de suporte para o ancoramento da memória, uma vez que ela trabalha o sentido da visão e a experiência emprestada passa a fazer parte da nossa memória.

Duarte e Santos (2022) afirmam que: “é no cotidiano que cultivamos o sentimento de pertencimento que transporta aquilo que está fora para dentro de nós como sentimento de paisagem, e assim nos tornamos paisagem”. As autoras ainda defendem que quando protege-se as paisagens cotidianas e excepcionais, pretende-se não apenas conservar sua aparência física, mas também todas as práticas culturais particulares do lugar. Essa é uma forma de garantir à população do amanhã o direito de experienciar as paisagens que fazem parte de nossas vidas hoje, permitindo que as futuras gerações reconheçam seu valor e até lhes atribuam



novos valores. Mas sem o cuidado e as práticas necessárias no tempo atual, qual memória será deixada para o futuro?

3 Considerações finais

A pesquisa sobre a identidade local e a memória da cidade com o recorte voltado para o Rio Paraíba do Sul demonstra uma memória fragilizada pelas mudanças urbanas, bem como o descaso com o rio. O que é preocupante, afinal, o que seria de uma cidade sem sua identidade paisagística, o que seria de um povo sem sua cultura local e vice-versa? Porém, apesar desse vínculo fragilizado, o resultado do questionário aponta aspectos positivos como a memória afetiva das pessoas, a beleza paisagística e o reconhecimento como marco de identidade cultural da cidade.

Para o fortalecimento do rio como elemento iconográfico para o município de Campos dos Goytacazes, deve-se fomentar a memória coletiva por meio da promoção de políticas públicas de despoluição de suas águas e margens, das ações conservacionistas contidas na dimensão ambiental do Plano Diretor local, além de um projeto de requalificação de suas orlas, transformando-as em espaços de convivência acessíveis e seguros. Entretanto, deve-se também atentar-se para o futuro por meio da educação e da tecnologia, com o fomento à elaboração de material educativo e incentivo às aulas de campo, e ainda, a utilização de mídias audiovisuais desenvolvidas para redes sociais, com foco no potencial paisagístico e imagético do rio.

Se para o filósofo Heráclito, um rio nunca é o mesmo de antes, no contexto deste artigo, a cidade em constante mudança também não. E assim sendo, o Rio Paraíba do Sul sofre os impactos da urbanização. Ao fortalecer sua ligação com a população, a morada do Ururau da Lapa, que reflete como um espelho o pôr do sol dourado, simbolicamente, pode sussurrar histórias e sentimentos entrelaçados em sua correnteza, tornando-se um rio eterno em nossas memórias.



Referências

BRASIL. **Lei Complementar 15/2020. Plano Diretor.** Campos dos Goytacazes, 2020.

CASTRO, Silvana Monteiro de. **A margem da cidade:** o Rio Paraíba do Sul na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes/RJ. Dissertação (Mestrado) Universidade Cândido Mendes, Campos dos Goytacazes, 2015.

CHAUI, Marilena. **Janela da Alma, espelho do mundo.** In: NOVAES, Adauto. O OLHAR. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 31-63.

DUARTE, Mirela; SANTOS Luísa Acioli dos. **Pensar paisagem.** Recife: Laboratório da Paisagem, 2020.

FARIA, Teresa de Jesus Peixoto; Quinto Junior, Luiz de Pinedo. (2017). **Rio e História Urbana: o papel do rio Paraíba do Sul na criação e desenvolvimento do município de Campos dos Goytacazes [RJ].** Labor E Engenharia, 11(2), 103–115. <https://doi.org/10.20396/labore.v11i2.8649764>

GODOY, Antonio Leandro Crespo de. **O resultado da aplicação dos Royalties do petróleo na intensificação da segregação espacial e nas transformações urbanas de Campos dos Goytacazes- RJ (1997-2020).** Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

HERÁCLITO. **Os pré-socráticos.** São Paulo: Editora Abril, 1973 . Acesso em: 20 ago. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445284&view=detalhes> . Acesso em 11 de agosto de 2023.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e o brejo.** Rio de Janeiro: IBGE, 1945.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001

LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade.** Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas.** [Tradução Neil R. da Silva]. – 4ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NORA, Pierre. **Entre memória e história** – a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Houry. Revista Projeto História, São Paulo PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993



NORBERG-SCHULZ, Christian. **O Fenômeno do Lugar** in NESBITT (2006). Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1965-1995). São Paulo: COSACNAIFY.

PRATA, Maria Catharina Reis Queiroz. **O Coração da Cidade: Memória e identidade em Campos dos Goytacazes**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

ⁱ Lenda local que fala sobre um jacaré do papo amarelo que vive dentro de um sino de bronze nas proximidades da Igreja da Lapa.

ⁱⁱ Informação do portal INEPAC: <http://www.inepac.rj.gov.br/>